REVOLUÇÕES VÃS

9.1.59

Caiu em Cuba, depois de luta prolongada, heróica e sangrenta, a ditadura do antigo sargento Fulgêncio Batista, elevado ao generalato pela conquista do poder. Nunca se poderia exaltar demasiado o feito: verdadeira revolução popular, muito diferente dos golpes e contra-golpes militares, característicos das repúblicas latino-americanas, pelos quais se põem e depõem governos.

Cumpre, entretanto, não exagerar o alcance dos recentes acontecimentos de Cuba, Colômbia e Venezuela. Seria errôneo e, por isto, prejudicial supor, como se está dizendo, que findou a época das ditaduras na América Latina e que falta apenas a queda de duas ou três para que saneado fique o ambiente político do Continente americano. Trata-se, em verdade, de melhoras ocasionais e passageiras. E nada mais seguramente o demonstra, do que o próprio exemplo de Cuba.

Caira a primeira ditadura de Fulgêncio Batista e, sob a inspiração de personalidades de primeira ordem, restabeleceu-se a democracia representativa. Pouco durou, porém, o regime. Mediante um golpe militar, o mesmo Fulgêncio Batista voltou ao poder, de que agora foi segunda vez apeado. Cousa semelhante aconteceu na Colômbia e na Venezuela: muito não durou o regime de liberdade. Ditaduras têm caído, mas com ainda maior facilidade se têm restabelecido.

Dir-se-ia pesar um mau fado sôbre os destinos da democracia na América Latina. Os sociólogos explicarão não haver para ela favoráveis condições naturais. Porão em contribuição a geografia, a etnologia, a pré-história, e só não se lembrarão de considerar os fatores políticos no estudo de um fenômeno essencialmente político, como é a precariedade da democracia no Continente americano.

Seria pueril desprezar os fatôres que, por independerem da vontade do homem, se poderiam chamar naturais, como o meio físico e a raça. Embora não tenham a influência decisiva e fatal que muitos supõem, convém tomá-los em consideração. Mas o que a razão, a observação e a experiência demonstram a quém quer que, sem preconceitos, se detenha no estudo da questão, é que, desde a sua independência, os povos latino-americanos fôram dominados por um prestigioso, mas ruinoso precedente histórico: o sistema presidencial, surgido nos Estados Unidos sob a influência de fatôres políticos especiais.

Com efeito, na grande republica do hemisfério setentrional, o problema não era a democracia, já satisfatòriamente praticada nas trêze colônias que se destacavam da mãe-pátria, mas a frágil unidade, que era preciso consolidar. Por isto, depois da desastrosa experiência da Confederação, os norte-americanos fôram levados a criar um govêrno federal forte, capaz de submeter à sua regência as antigas colônias. Para tanto, nada mais foi necessário, do que transferir ao presidente da República, eleito pelo povo, os latos poderes do representante da Coroa, que se expulsara. Criaram um vice-rei eletivo, temporário e independente, que tinha a vantagem de ter no próprio país a fonte da sua autoridade.

E' claro que, assim procedendo, os norte-americanos sacrificaram a democracia à unidade e que, consolidada esta, esqueceram de prestar àquela os necessários cuidados. Aos Estados Unidos não acarretou o descuido grandes danos, por vários motivos, como a espantosa prosperidade material do País e principalmente, as excepcionais virtudes cívicas da gente. Ainda assim, conhece-se a vida pública norte-americana como a mais corrupta, entre a das grandes nações democráticas. Explica-se fácilmente o fenômeno pela grande latitude dos poderes conferidos ao chefe do Estado e pela irresponsabilidade política, característica do presidencialismo. O maior mal, o mal ruinoso e irremediável quem o tem padecido não são os criadores do sistema, mas tôdas as nações americanas que insensatamente o copiaram. Nunca nenhuma imitação terá sido tão desastrosa. A estas nações novas que, submetidas ao despotismo da metrópole, era preciso educar na prática da liberdade, deu-se-lhe um mecanismo político rude e grosseiro, que, em vez de corrigir pela educação o caudilhismo nativo, o fortalecia, dando-lhe uma armadura legal, que sòmente a rebelião pode romper.

Esta é a causa determinante das ditaduras, das revoluções e dos golpes de Estado que formam a trama da vida política na América Latina. Nada se mudará substancialmente enquanto o presidencialismo nela continuar em vigor. Por melhores que sejam os homens que num determinado país tomem o poder, sôbre êles a mecânica do regime exercerá, com o tempo, a sua ação deformadora.

A admirável revolução cubana não encerrará o ciclo das ditaduras latino-americanas, como não o encerrou nenhuma das que a precederam. Subsistem agora poucos ditadores que, segundo parece, não se poderão agüentar muito tempo? Enquanto as revoluções latino-americanas se limitarem a substituir homens, deixando de pé o regime presidencial, alguns ditadores cairão, enquanto outros surgirão, ou, mais simplesmente, voltarão, como aconteceu com Fulgêncio Batista, agora pela segunda vez destronado. Permanecendo a causa, não deixarão de produzir-se os efeitos. São revoluções vãs as que se tem feito na América.